

1. “Learning through Radio, Learning for Life!”: Notas sobre o desenvolvimento de uma rádio participativa *online*

Maria José Brites, Sílvio Correia Santos & Daniel Catalão

Olhando para o percurso do RadioActive, há uma ideia que parece ser transversal a todo o projeto. Referimo-nos a um princípio que chamaríamos de “identificação” e que foi determinante – é determinante – nos processos de investigação participativa. Falamos da identificação dos investigadores com os princípios da investigação-ação, da identificação das intervenções com as particularidades de cada contexto. Da imprescindível e progressiva identificação dos participantes com o projeto.

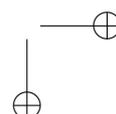
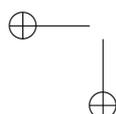
Na verdade, sem esta multifacetada identificação é impossível pensar em resultados sustentáveis e persistentes. Investigadores e demais participantes têm de sentir que o projeto é “seu”, que os objetivos são “seus”, embora o façam necessariamente a velocidades diferentes.

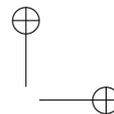
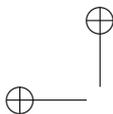
A aprendizagem, neste âmbito, expande-se sempre de dentro para fora, emerge dos interesses do sujeito e não de uma estrutura pré-concebida e imposta pelos que chegam (Ravenscroft *et al.*, 2011), neste caso, os investigadores. Uma das diferenças das pesquisas participativas em relação às tradicionais é, precisamente, a atuação coletiva e não solitária do investigador. Os pesquisadores fazem parte de um processo participatório em que estão envolvidos numa estrutura (Cammarota & Fine, 2008: 5).

Paulo Freire é o autor primordial em todos os projetos e países onde a RA101 foi aplicada. As suas concepções em torno da investigação-ação participativa tentam apontar sempre para uma ação e também para uma reflexão sobre os processos.

“O ‘círculo de cultura’ deve encontrar caminhos, que cada um que cada realidade local indicará, através dos quais se alongue em centro de ação política. [...] Somente assim, na unidade da prática e da teoria, da ação e da reflexão, é que podemos superar o carácter alienador da quotidianidade” (Freire, 1977: 13).

Metodologias Participativas: Os media e a educação, 23-26





Uma das particularidades do RadioActive é, precisamente, assumir a rádio como ferramenta central apesar do progressivo afastamento dos jovens em relação a ela. Naturalmente, o terreno da rádio *online* (ou da música *online*) é-lhes familiar, mas a frugalidade da palavra dita, o encantamento da história narrada, por oposição à opulência dos contextos visuais televisivos e *online*, oferecia um risco muito concreto de identificação. A palavra escutada requeria uma atenção que muitos dos jovens do RadioActive não estavam habituados a dar aos *media*.

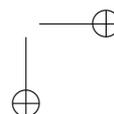
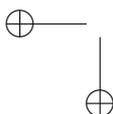
A verdade é que, aos poucos, a rádio acabou por abrir novos horizontes aos participantes. A rádio ajudou-os a aprender a ouvir. Mais até: a escutar. A escutar as opiniões dos outros. A analisar e a estruturar. Ajudou-os a prestar atenção ao som que os rodeia todos os dias. Aos pequenos pormenores das histórias mais banais. A rádio ajudou-os a identificarem-se com a palavra de uma forma completamente nova. A rádio possibilitou-lhes a palavra que nem sempre tinham. E por isso, aos poucos, chamaram-lhe a "nossa rádio".

Neste conjunto de textos, a Rádio é o meio de eleição. É encarada como uma ferramenta educacional, facilitadora de aprendizagens e estimuladora de crescimento pessoal e colectivo. É exatamente o que o *slogan* do RadioActive tão bem define: *Learning through Radio, Learning for Life!* Este conceito esteve espelhado no projeto, mesmo antes de ele começar e foi reforçado nos países em que foi aplicado (ver *Capítulos 2 e 3*). Estes processos, pode dizer-se com propriedade, foram reforçado pelo sistema de *badges* criado e implementado em diferentes grupos (ver *Capítulo 4*).

Numa linha de continuidade em relação ao resto do livro, este conjunto de textos reflete e expande o pensamento dos investigadores sobre os processos de circulação de aprendizagens e saberes e também conjuga a partilha de experiências vivenciadas *in loco* por dois dos centros Escolhas E5G envolvidos neste processo (ver *Capítulos 5 e 6*).

Aqui a Rádio recupera uma relevância renovada, para além do seu papel de informar e divertir. Passa a ser entendida como uma facilitadora de processos que valorizam a experiência em comunidade, a experiência prática e reflexiva de uma forma divertida e ao mesmo tempo séria. A rádio assume-se como aglutinadora de experiências pessoais que favorecem a aprendizagem coletiva e a produção de conhecimento fora dos ambientes formais da escola.

Como este projeto, muito em especial em Portugal e no Reino Unido, teve como sujeitos crianças e jovens, destacaríamos a contaminação positiva das



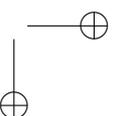
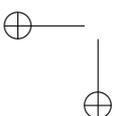


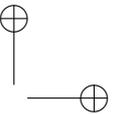
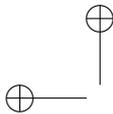
aprendizagens da Rádio nas interações e dificuldades sentidas pelos jovens no seu quotidiano, em matérias como a língua portuguesa e a apresentação de trabalhos em público. Estes serão, porventura, os exemplos maiores do modelo de aprendizagem proposto pelo RadioActive, um modelo que não era baseado na transmissão de conhecimento individual e encapsulado, mas sim na capacidade de dar condições para uma aprendizagem holística, interligada e partilhada, presente nas mais diversas áreas do dia-a-dia. Efetivamente, usar a Rádio para aprender, para pensar e para intervir levou-nos sempre muito para além da produção jornalística ou de outras dinâmicas de produção mediática.

Porém, um dos maiores desafios colocados a este tipo de projetos é o *day after*. Como garantir a sustentabilidade das aprendizagens quando estes processos de valorização de comunidades são lentos e precisam de ser acompanhados no tempo? Como garantir que o fim do financiamento não é o fim do projeto? Desde o início do projeto, ainda na fase de candidatura, começou-se a pensar em estruturas e formas de a RadioActive101 (a rádio *online*) sobreviver ao fim do projeto, com ou sem financiamento adicional. A auto-sustentabilidade do projeto foi algo que foi sendo preparado, promovendo um estímulo para uma interligação entre os diferentes centros que acolheram o RadioActive.

No final de 2014, mesmo perto do final do projeto europeu, a equipa do RadioActive em Portugal candidatou o projeto ao Prémio Inclusão e Literacia Digital da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através da Rede TIC e Sociedade. E foi assim, com a atribuição desta distinção, que o RadioActive Portugal nasceu, precisamente para continuar o trabalho começado com o consórcio europeu. O prémio financiou a expansão do projeto e, para além dos quatro existentes, seis novos centros integrados no Escolhas vão implementar o modelo RadioActive durante 2015. Em paralelo, a RA101 está estruturada para continuar a sobreviver noutros países, com especial incidência no Reino Unido e na Alemanha. Esta sobrevivência prende-se com a manutenção da rádio a diferentes níveis, na continuação de produção de programas de rádio e de ação com as comunidades mas também com a manutenção da estrutura-base, que inclui manutenção de toda a parte web que permite as emissões de rádio (Brites *et al.*, 2014).

Poder-se-á, pois, dizer que o RadioActive conseguiu aquilo que tantas vezes falha: sobreviveu para além do projeto formal. Mais do que isso: cresceu. Tornou-se num modelo de boas práticas replicável que ensina pela rádio e





ensina para a vida. Esta possibilidade de replicação e expansão foi definida desde o início como uma dimensão obrigatória do projeto. Para que isso acontecesse, a "portabilidade" foi sempre assumida como um conceito-chave para o RadioActive. E, com efeito, essa é uma condição que define o seu modelo pedagógico, mas também o seu interface técnico. Na prática, a RA101 é replicável como um *kit* adaptável a diferentes contextos.

Referências

- Brites, M.J.; Ravenscroft, A.; Dellow, J.; Rainey, C.; Jorge, A.; Santos, S.C.; Rees, A.; Auwärter, A.; Catalão, D.; Balica, M. & Camilleri, A.F. (2014). *Radioactive101 Practices*, 42 pp.. Lisboa: CIMJ.
<http://pt.radioactive101.eu/2014/12/22/radioactive101-practices/>.
- Cammarota, J. & Fine, M. (2008). Youth Participatory Action Research: A Pedagogy for Transformational Resistance. Revolutionizing education: Youth participatory action research in motion. *Cammarota e Fine*. Oxon, Routledge: 1-11.
- Freire, P. (1977). *Educação e Consciencialização Política*. Lisboa: Livraria Sá da Costa. 1ª edição: 1975.
- Ravenscroft, A.; Attwell, G.; Stieglitz, D. & Blagbrough, D. (2011). 'Jam Hot!' Personalised radio ciphers through augmented social media for the transformational learning of disadvantaged young people. *Proceedings of the Personal Learning Environments (PLE)*. Conference 2011, Southampton, UK, 11-13 Julho 2011.

